

Múltiplas manifestações do Isso e do Eu no desenvolvimento de uma análise^[1]

Maria Aparecida Sidericoudes Polacchini^[2]

RESUMO: A autora apresenta parte de uma história clínica, na qual destaca o desenvolvimento do Eu da paciente no decorrer do processo analítico, a partir de manifestações do Isso. Saliencia as múltiplas dimensões do Eu, desde o corporal ao que se torna capaz de intuir, sonhar, pensar e se conscientizar. Mostra o despertar da consciência do Eu em relação aos impulsos destrutivos e libidinais.

PALAVRAS-CHAVE: isso, eu, sonho, impulsos, consciência

1. Trabalho apresentado no Pré-Congresso de Psicanálise realizado pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) em 24 de junho de 2023, com o tema “O que há de Eu em mim”, prévio ao Congresso de Psicanálise a ser realizado pela Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) em novembro de 2023.

2. Psicóloga. Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e membro efetivo com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) e do Grupo de Estudos de Psicanálise de São José do Rio Preto e Região (GEP Rio Preto).

I

Surpreendida com o gentil e carinhoso convite de Luciana Torrano, nossa diretora científica, para apresentar um trabalho no Pré-Congresso de Psicanálise promovido pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP), me percebi dividida entre o desejo de corresponder e a dúvida sobre como fazê-lo. Entretanto, ouvindo-a, heterônimos de Fernando Pessoa foram comparecendo em minha mente e, em sequência, o poema “Traduzir-se”, de Ferreira Gullar (1980/2017). Nós nos despedimos, e esse poema foi em mim se avivando; nele, o eu lírico se revela cindido entre todo mundo e ninguém, o permanente e o que se sabe de repente, a vertigem e a linguagem, o que pondera e o que delira, o que é multidão e o que é estranheza e solidão, o que almoça, janta, e o que se espanta.

Dos mais conhecidos heterônimos de Pessoa, desdobramentos do eu poético, recordei, suscintamente, de Alberto Caeiro, que valoriza a percepção sensível, Ricardo Reis, apreciador da cultura clássica, do equilíbrio dos sentidos e prazeres, e Álvaro de Campos, crítico da sociedade das aparências, solitário, com reconhecimento do próprio infortúnio; é dele o “Poema em linha reta” (Pessoa, 1980), no qual o eu lírico se apresenta em tom de desabafo e também de desafio àqueles que escondem fraquezas, pedindo relações verdadeiras. Deste poema, busquei relembrar alguns versos:

Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
 ...
 Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?
 ...
 Arre, estou farto de semideuses!
 Onde é que há gente no mundo?
 (pp. 268-269)

Essas associações levaram-me a uma antiga história clínica que, penso, pode nos dar oportunidade de reflexões sobre o desenvolvimento do Eu no processo analítico e suas simultâneas dimensões.

II

A jovem, ao iniciar a análise em alta frequência, dizia não saber se teria o que falar comigo. Nos primeiros meses, feito uma bebê inquieta, se sentava, se deitava, se levantava abruptamente e, quando usava da linguagem verbal, de súbito se calava. Reconheci, então, seu corpo como importante elo de nossa relação, aliás, mediador que é na constituição da mente e na relação com o mundo. Foi a partir das manifestações do corpo histórico que Freud chegou ao psíquico e criou a psicanálise.

O discurso entrecortado da paciente tinha a característica de apresentar a fala do outro – mãe e amigos – como seus porta-vozes. Eu apenas lhe perguntava: “e você, o que pensa?”. O “não Eu” e o “Eu” confluíam para a construção de muitos

personagens, a partir dos quais íamos em busca de reconhecer o seu autor, o próprio e incipiente Eu. Como nos diz Ogden (2012), “sem *não Eu* não pode haver *Eu*. Sem um outro diferenciado, a pessoa é todo mundo e ninguém” (p. 196).

Mas era especialmente o corpo palco das encenações das angústias e dores da paciente. Chegava com muitos machucados nas pernas e braços esfolados. O corpo tratado aos trancos e barrancos seria seu modo de expressar os machucados da alma? Eu tentava vincular as manifestações de seu corpo a sentimentos e pensamentos, indagando, por exemplo, qual teria sido a dor que a levava a machucar-se. O que seu corpo nos comunicava?

Freud (1923/1996) desenvolveu o conceito de Eu derivado das sensações das superfícies do corpo. De outro lado, o Eu derivado do Isso, modificado pela influência do mundo externo. Então, a origem do psiquismo estaria no corpo, e o corpo seria o meio de comunicação com o mundo externo.

Um dia ela chegou a uma sessão e, assim que se deitou, contou que estava estudando Freud em seu recém-iniciado curso de publicidade e propaganda e, de repente, saltando do divã, me fitando, à queima roupa, perguntou: “o que é processo primário?”. E eu, então, olhando para ela e em gesto apontando seu movimento, lhe disse: “é isso!”.

Tomada pelo Isso ela sobrevivia às turras, se acidentando, com prevalência da ação no lugar do pensar. Um significado popular da palavra “turra” é bater com a cabeça, exatamente como ela se acidentou com sua moto, alcoolizada, colidindo com um caminhão. Após esse grave acidente e período de internação hospitalar, buscou a análise, carregando marcas de violência suicida, um mais além do princípio do prazer reinando irrestritamente. Também demonstrava que o contato com o mundo externo lhe causava tão forte impacto que era vivenciado como desastre.

Com a realidade ela mostrava reagir mais de modo alucinatório que perceptivo, e suas atitudes defensivas demonstravam que era como se pouco enxergasse ou mesmo se importasse com o mundo e consigo mesma; algo do tipo “e eu com isso?”. Paradoxalmente, pelo vértice psicanalítico, tinha tudo a ver com o Isso. O Isso que foi sendo, então, significado no processo analítico: experiências nomeadas como trabalho de representação para que, a partir do Isso, o Eu pudesse advir (Freud, 1923/1996).

Tempo relativamente longo de análise ocorreu para que o Eu corporal concedesse mais espaço ao incipiente Eu psíquico; muitos encontros para esse Eu advir, e emergente se mostrou com características de onipotência, hipomania, um Eu enlouquecido, malconstituído.

Chegou a uma primeira sessão da semana gesticulando, falando aos gritos e, após uma cena que revelava um Eu alucinado, delirante, clara evidência de conflito com o Isso, pudemos conversar. Percebi que era como se algo gritasse nela, um Isso que lhe era mais forte e independente de sua vontade. Fui traduzindo sua fala evacuativa em sentimentos de terror e desamparo, e assim pudemos falar de seus medos: da análise, da vida e de si própria, especialmente da possibilidade de depressão.

Freud (1923/1996) relaciona o Eu a razão e senso comum, em contraste com o Id (Isso), reservatório das paixões.

Em contraponto, para acompanhá-la eu precisava estar em prontidão de pensamento, encontrar modos de significar a experiência, buscando uma linguagem que pudesse expressar um afeto emergente ou um pensamento, que promovesse ligações, como rédeas ao que nela, solto, imperava. Às vezes eu usava de um adágio popular, outras vezes de um verso de uma música. Essa linguagem estética, como modo de ligação e representação para o desenvolvimento do Eu, também criava uma barreira de proteção entre o Isso e o Eu. Entretanto, era barreira que facilmente se rompia.

Certa vez chegou à sessão praguejando sobre a interferência de alguém em seu trabalho – era secretária de uma clínica médica – e sobre a incompreensão dos familiares. Em crítica à família, de modo quixotesco, chegou a bradar: “sempre fui assim ... sou louca de nascença, eu brigava até com o vento quando ele desarrumava o que eu tinha arrumado. Às vezes também dou de louca; é o jeito de me fazer respeitar”.

Em seguida: “ando nua pela minha casa e não sei por que estão tão impressionados com isso. Estão me achando louca, querem me internar”.

Um Eu primitivo, narcísico e psicótico, com exigências ilimitadas de amor, empenhado em invadir e escandalizar, sinalizava ataque à realidade e aos valores de convivência familiar, levando-me a conversar com ela sobre seus sentimentos fraternos de revolta e rivalidade invejosa em relação aos irmãos, três homens mais velhos, que sentia que eram os reconhecidos pelos pais. Ao querer denunciar e propagar a falta de reconhecimento que sentia, ressentida, se atacava. Sugeriria também ataques à análise, provavelmente buscando em mim mais reconhecimento empático que o que estava sendo capaz de receber e sentir ali comigo. Sua crença era de que, como sua mãe, eu também preferia estar com os homens. Em seus alucinados romances familiares, a mãe se submetia aos homens de casa, usurpadores do amor materno. A inveja da potência dos irmãos e da mente da analista compareceu abertamente.

O *setting* analítico, seu instável Eu e a minha mente eram espaços pequenos para conter o Isso, em força dionisíaca e tanática, a conduzir o insuficiente Eu a desembocar em desenfreados *acting out*.

Demonstrava dificuldade em manter equilibrados o corpo e o precário Eu, que facilmente perdiam os frágeis eixos. Passado mais um tempo de análise, contou-me: “entrei com a moto num estacionamento e não vi uma porta de vidro na minha frente, atravessei e o vidro estilhaçou todo. Dessa vez assustei muito, me achei um monstro”.

Estaría ela retratando sua chegada ao mundo, com sensação de estilhaçamento e fantasia de ter provocado estragos? Um primeiro e catastrófico encontro com a realidade externa? Compreendi esse espanto como o momento do nascimento da consciência da própria impulsividade e violência, mas voltada ao externo, ao que era até então tragicamente cega; violência que a desumanizava, desamparava, fragilizava e a expunha a sofrimentos sadomasoquistas. Evidentemente que o Supereu, advindo

desse Isso, não poderia ser menos monstruoso. O Eu, passível de fragmentação, pôde ganhar alguma unidade com essa consciência. Uma unidade frágil.

III

Com o tempo de análise seus desequilíbrios evoluíram para algo além das sensações, e de reações afetivas imediatas, como chorar, gritar e se acidentar, passou a narrar cenas de vida. Contava da relação com amigos, com quem ia frequentemente às cachoeiras da região, jogava bola, frequentava a casa deles. O Eu corporal/sensorial predominava, mas passara a manifestar também vivências de prazer lúdico e, assim, parecia estar vivenciando com menos persecutoriedade a relação analítica. Nesse tempo, estar com ela já não me provocava o desconforto de muitas vezes colocar o meu Eu mais em prontidão do que em atenção flutuante e *rêverie*.

Passado um longo tempo de análise, contou que um casal de amigos pediu que ficasse uma tarde com o filho e o acompanhasse numa tarefa da escola: ele teria que juntar sílabas para formar palavras, e ela achou bom estar ali com ele. Disse-me que parecia um jogo de quebra-cabeça, formavam frases com as palavras, e a primeira palavra que formaram era o nome dele. Eu me interessei pelo nome do garoto, lhe perguntei, e ela me respondeu: “Diego”, o que me surpreendeu, pois soou em mim como uma junção de “Id” e “Ego”, então me motivando a dizer-lhe que, assim como ela acompanhara a criança a juntar sílabas para formar nomes, construir frases, nós ali também tentávamos identificar suas emoções, dar-lhes um nome, às vezes emoções que ficavam distantes demais para ela perceber, mas que, quando nomeávamos, ela reconhecia e, assim, se aproximava de si mesma. E parecia que também estava exercitando o amor. Ela disse sentir “que agora andava de boa com as pessoas”. Completei, dizendo: “também consigo mesma e comigo”.

O Isso, alheio e estranho a si mesmo, o não Eu, sendo alfabetizado, ganhando significados, passava de descarga a fluxo de ideias; transformado, fortalecia o incipiente Eu que, mais introjetivo que expulsivo, alcançava alguma integração.

Percebi que ela vinha redirecionando seu viver, antes prevalentemente sob um Eu intempestivo, com movimentos de excitação e descarga, denotando a força do Isso e, agora, também um Eu que se revelava perceptivo das coisas que se passavam à sua volta e dentro dela também. As sensações tinham prioridade em suas manifestações, mas, nessa experiência relatada de acolhimento ao garoto, mostrava um Eu aberto à relação com o outro, amoroso, despontando junto ao incipiente Eu pensante. Formar palavras, frases, exigia senso de percepção e sentido das palavras encontradas e, deste modo, revelava um Eu com capacidade de contenção, de fazer ligações, nomear, pensar e se comunicar, assim como fazia agora na sessão, na forma de narrativa e reconhecendo seus bons sentimentos.

As sessões de análise pareciam ajudá-la a ampliar as funções do Eu, especialmente a percepção e a atenção, expandindo seu olhar e descobrindo o ato de conhecer como uma experiência prazerosa. Dava mostras de que a excitação vinha se transformando

em um Eu afetivo e pensante, dimensões que, a duras penas, pareciam estar se firmando. Nas sessões mostrava interesse ao que eu lhe apontava.

Entretanto, reunir-se com a família era motivo de conflitos, especialmente na chácara dos pais, em reunião de amigos deles e dos irmãos; ela ora brigava, ora se isolava, possivelmente se defendendo de desejos eróticos e, com a fantasia de ser mais seguro ver nos homens da família adversários que parceiros, mantinha seu Eu empobrecido, deixando de desfrutar dos benefícios que a família oferecia.

Também nas sessões, frequentemente na primeira da semana, quando ela chegava aos gritos, eu sentia que me propunha, ao mesmo tempo, aproximação e afastamento. Mas a cada grito que denunciava o ser só e dependente, era como se ela rogasse: “Quem me dera ouvir de alguém a voz humana / ... Onde é que há gente no mundo?” (Pessoa, 1980, pp. 268-269). Estava o mundo surdo a ela e/ou ela surda ao mundo? Eu estava sendo capaz de ouvi-la naquilo que, a meu ver, os gritos queriam ao mesmo tempo denunciar e abafar?

IV

No período em que foi se aproximando de sua família e de seus amigos, contendo ambivalência de sentimentos, o Eu diminuindo seus conflitos entre narcisismo e socialismo, surgiu seu primeiro sonho relatado, no qual apareceu uma palavra dita por mim numa sessão, cuja sonoridade lhe agradara, e na sessão em que me relatava o sonho, quis recuperar o significado da palavra. Assim, dava mostras de estar, pela linguagem afetiva, interiorizando nossa relação, e desta nascia um Eu sonhante, a meu ver, do modo proposto por Anzieu, em *O Eu-pele* (1985/1989), sobre o “espelho sonoro”.

O referido autor, tratando da construção da mente através do corpo, em uma leitura da lenda grega da ninfa Eco, estabelece um elo entre a voz e a exigência de amor. Fala da voz da mãe e da música que ela proporciona ao bebê como um primeiro “espelho sonoro”, do qual ele vai se valer por seus choros, que a voz materna acalma em resposta, depois por seus balbucios, por jogos de articulação fonemática. Entretanto, se o espelho sonoro devolver ao bebê ele próprio, ou seja, sua exigência e seu desamparo (uma alusão a Eco), ou sua procura de ideal (alusão a Narciso), ocorrerá um desequilíbrio pulsional no qual a pulsão de morte manterá a prioridade econômica sobre a pulsão de vida.

Com frequência, na relação com a paciente, eu evocava músicas do repertório popular brasileiro para lhe nomear um estado mental; algumas vezes usei do referido poema de Gullar (1980/2017), “Traduzir-se”. Ela reconhecia e, às vezes, até cantava. Penso que essas diversas vozes ressoando em mim e em seu Eu possibilitaram o contato estético com o Isso, o estranho familiar que a habitava, levando ao encontro dos estranhos “eus”, desconhecidos de si mesmos, e também a maior intimidade comigo.

V

Quando chegava gritando nas sessões, compreendi que calava dentro de si algo muito penoso. Por vezes, interpretei como dor de separação e desamparo, pedindo

especial atenção e reconhecimento, ou como intenção de me atrair para uma relação punitiva, sadomasoquista; outras vezes, como um clamar pela condição de sujeito, de ter voz, e outras, ainda, como manifestação da bissexualidade, da fantasia fálica de penetração em mim. Certa vez lhe contei do quadro de Edvard Munch, *O grito*, quando então começou a manifestar um leve interesse por artes, o que certamente também a ajudou no desenvolvimento do simbólico.

Ela iniciou namoro com uma jovem mulher. O Eu erótico compareceu, estimulando desejo e imaginação sobre o que gostaria de viver. Entretanto, essa relação trouxe novos embates, não promovendo repetição de acidentes, mas se recordando com dor de seus infortúnios. O Eu real compareceu se debatendo com o Eu ideal – o que gostaria de ter sido – e sentimentos de irrealidade.

Chegou na primeira sessão da semana gesticulando, falando alto, algo confuso; sentada no divã, assim continuou, parecia acusar a família. Chamei-a pelo nome, modo que encontrei para convocá-la para a realidade, e ela me olhou como que despertando de um estado confusional, alucinatório; propus que Eu já estava ali com ela.

Ela aquietou e disse que havia dois dias só vinha tendo vontade de gritar e cantar muito alto. Disse-lhe que, se queria me encontrar e contar comigo, Eu já estava ali para escutá-la.

Deitou-se e, depois de um breve silêncio, disse que estava com uma música na cabeça. Outra pausa e disse: “sabe o que diz a música?”, e cantando prosseguiu: “um dia ainda volto ao começo / e apago, então, as marcas desse amor”.^[3] Disse-lhe que ela me parecia querer se livrar de tristeza e culpa.

Disse-me que achava, então, que tinha a ver com o que vinha sofrendo nos últimos dias. Sentia que tinha errado bastante, que não soubera discriminar o bem e o mal, que havia feito muitos estragos em sua vida e não tinha como apagar isso. E até no amor tinha praticado as maiores maldades consigo mesma. Não soubera preservar as boas relações. Acreditava que hoje seria diferente.

Contou-me também que, quando saiu de casa para estudar e morar fora, não fez o curso, gastara o dinheiro com drogas e foi viver numa casa de prostituição e, agora, compreendia que o seu sentimento era de irrealidade. Falou que certa vez um homem lhe disse que não era aquele o seu mundo, que deixasse aquele lugar, fosse embora, e ele a ajudou a sair de lá; hoje agradecia esse homem desconhecido.

Avento a hipótese de que eventos antigos foram redespertados na forma de um conglomerado, denunciando o terror que a paciente carregava, provavelmente desde seus começos de vida, marcados por ataques ao objeto amado, destruído em fantasia; desastre que se reapresentava repetidamente, ganhando força com a fantasia de submissão da mãe aos homens de casa, e que por identificação narcísica pode tê-la levado a prostituir-se. Trabalhei com ela apenas no sentido de que com a análise estava acordando para sua realidade psíquica e de vida; em parte se reconhecia, em

3. Verso da composição musical de Cláudio Rabello e Enrique Urquijo Prieto, “Volta ao começo”, interpretada pelo cantor Fábio Jr. no álbum *Vida*, de 1988.

parte se estranhava. Compreendi que era como se estivesse renascendo e manifestando a dor desse renascimento.

Ela disse sentir que já não era a mesma pessoa, mas também não sabia quem era e passou a questionar o sentido de sua existência.

Nessa cesura a percebi bastante assombrada, sofrida, em tragicidade edipiana, se rendendo ao Eu consciente, com percepção do conflito de identidade, em visão binocular do presente e do passado, do interno e do externo. Passara a se enxergar e se estranhar, em auto-observação sobre as pulsionalidades libidinal e agressiva, olhando para seus desastres, se responsabilizando, um Eu diferenciado do Isso, em transformação, em tomada de consciência, agradecida por quem favorecera cuidados a ela.

Evoco Camus (1942/1989), que diz:

Um dia apenas o “porquê” desponta e tudo começa com esse cansaço tingido de espanto. “Começa”, isso é importante. O cansaço está no final dos atos de uma vida mecânica, mas inaugura ao mesmo tempo o movimento da consciência. Ele a desperta e desafia a continuação. (p. 32)

Compreendi esse momento de sua análise como um segundo movimento da consciência, agora o Eu se apercebia da existência da mente, mas, de modo paradoxal, reconhecia a violência, o estilhaçamento interno: o sentimento de irrealidade e os ataques à percepção, à própria mente e à própria vida. Essa consciência se mostrou significativa no porvir da análise; passara a se apresentar com uma curiosidade mais viva acerca de si mesma. Como a personagem do livro *Fora de mim*, da escritora Martha Madeiros (2010), a paciente agora seguia triste e menos catastrófica.

Num fim de semana apresentei seu caso clínico numa reunião científica e quando nos encontramos, na primeira sessão da semana, disse-me que teve um sonho: “eu chegava no trabalho e, quando entrei em minha sala, os papéis estavam todos espalhados. Tinha entrado alguém e mexido em todas as minhas coisas, nos meus papéis, nos das doutoras; eles não levaram nada, mas estava tudo revirado”. E fez algumas associações.

Comento, aqui, esse sonho: imaginei que ela poderia ter captado o terceiro entre nós, mas, longe de gritar, atacar e fragmentar o próprio Eu, seu Eu consciente e o Eu inconsciente interagiram com qualidades intuitivas, transformando em sonho o que fora sentido como invasivo entre nós. Mostrara que com nossa separação, com essa falta, seu Eu podia de se espalhar, mas conservava um tanto de si e de nosso vínculo o suficiente para sonhar. Revelara ainda que a análise podia revirar sua mente, mas ela já se apresentava em condições de prosseguir com novas associações.

Entretanto, se invadida pela pulsionalidade destrutiva, não sabíamos quanto seu Eu seria capaz de sustentar inteireza, relações sonhantes e intuitivas. Este é o labor destinado ao seu Eu, lidar consigo mesmo, com o Isso e com o mundo externo. Esse é um dos trabalhos psíquicos contínuos do ser humano, seja para um Eu ainda incipiente ou mais fortalecido pelas ampliações simbólicas e identitárias.

Múltiples manifestaciones del Ello y del Yo en el desarrollo de un análisis

Resumen: La autora presenta parte de una historia clínica, en la que destaca el desarrollo del Yo del paciente durante el proceso analítico, a partir de las manifestaciones del Ello. Enfatiza las múltiples dimensiones del Yo, desde lo corporal hasta lo que se hace capaz de intuir, soñar, pensar y tomar conciencia. Muestra el despertar de la autoconciencia en relación con los impulsos destructivos y libidinales.

Palabras clave: ello, yo, sueño, impulsos, conciencia

Multiple manifestations of the Id and the Ego in the development of an analysis

Abstract: The author presents part of a clinical case, in which she highlights the development of the patient's Ego during the analytical process, based on manifestations of the Id. She emphasizes the multiple dimensions of the Ego, from the bodily to what becomes capable of intuiting, dreaming, thinking, and becoming aware. She shows the awakening of the Ego's consciousness in relation to destructive and libidinal impulses.

Keywords: id, ego, dream, impulses, consciousness

Referências

- Anzieu, D. (1989). *O Eu-pele* (Z. Yazigi e R. R. Mahfuz, Trads.). Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1985)
- Camus, A. (1989). *O mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo* (M. Gama, Trad.; 3a ed.). Editora Guanabara. (Trabalho original publicado em 1942)
- Freud, S. (1996). O Ego e o Id. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 19. O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)* (J. Salomão, Trad.; pp. 15-77). Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Gullar, F. (2017). Traduzir-se. In *Na vertigem do dia* (pp. 30-31). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1980)
- Medeiros, M. (2010). *Fora de mim*. Objetiva.
- Ogden, T. H. (2012). Sobre três formas de pensar: o pensamento mágico, o pensamento onírico e o pensamento transformativo (A. François, Trad.). *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46(2), 193-214. <https://bit.ly/3JYLBky>
- Pessoa, F. (1980). Poema em linha reta. In *O eu profundo e os outros eus* (10a ed., pp. 268-269). Editora Nova Fronteira.

Maria Aparecida Sidericoudes Polacchini

Endereço: Rua João Teixeira, 139, Santa Cruz. São José do Rio Preto/SP.

CEP: 15014-180

Tel: (17) 99601-8902

E-mail: maria.sidericoudes@gmail.com